

OTIMISMO E MEMÓRIA RELIGIOSA NO FACEBOOK: ESTUDO SOBRE A COMUNIDADE “OTIMISMO SEMPRE”

Aline de Caldas COSTA dos Santos⁶⁵

Edvania Gomes da SILVA⁶⁶

Resumo: Esse trabalho tem como objetivo identificar traços de uma memória coletiva religiosa materializada em narrativas de otimismo divulgadas na rede social *facebook* pela página “Otimismo sempre”. Noção cara ao estudo é a de “princípio do comentário”, de Michel Foucault, que dá conta de explicar a repetição de uma memória como se se tratasse de algo novo. O trabalho foi realizado por meio de revisão bibliográfica multidisciplinar e estudo de caso. Constatou-se que o *corpus* de análise apresenta a repetição de um conjunto de aconselhamentos cristãos referentes à afirmação de valores morais sobre valores materiais ou de *status* social.

Palavras-chave: Otimismo. Memória religiosa. Rede Social.

Resumen: *Este trabajo tiene como objetivo identificar las huellas de una memoria colectiva religiosa materializada en las narrativas optimismo publicados en la página de facebook “Otimismo siempre”. Noción querido por el estudio es el “principio de la revisión” de Michel Foucault, que explica la repetición de una memoria como si fuera algo nuevo. El estudio fue realizado por una revisión de la literatura y el caso de estudio multidisciplinario. Se encontró que el análisis de corpus presenta la repetición de un conjunto de consejería cristiana respecto a la afirmación de los valores morales sobre los valores materiales o estatus social.*

Palabras clave: *Optimismo. Memoria religiosa. Red social.*

⁶⁵Professora Assistente da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), Campus Multidisciplinar de Santa Maria da Vitória, Bahia. Doutoranda em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Vitória da Conquista, Bahia. E-mail: alinedecaldas@gmail.com

⁶⁶ Professora Adjunta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Vitória da Conquista, Bahia. E-mail: edvaniagsilva@gmail.com

Considerações iniciais

A presença das redes sociais na vida contemporânea é um fenômeno amplo e de variadas faces. Certamente pode ser apontada como marco da “revolução digital” de que trata André Lemos (2004), caracterizada pela democratização da cadeira de emissor, ou seja, pela ruptura de hierarquias no uso da palavra, estabelecendo a metáfora do rizoma como melhor imagem para a atual configuração da comunicação na internet: “a circulação de informações não obedece à hierarquia da árvore (um-todos), e sim à multiplicidade do rizoma (todos-todos)” (LEMOS, 2004, p. 68).

Qualquer usuário pode fazer uso gratuito desses espaços virtuais para disseminar suas opiniões, suas reflexões, seus estados emocionais ou, simplesmente, compartilhar conteúdos produzidos por outrem com os quais haja identificação subjetiva. Nesse sentido, são muitos os perfis impessoais, criados em formatos de comunidades, a congregar seguidores interessados em um tema específico.

Suspeitamos que algumas dessas mensagens aparentavam repetir ideias já bastante difundidas pelas religiões de linha cristã, embora não haja menções diretas a qualquer religião nas páginas visitadas. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é apresentar resultados parciais do estudo de doutorado⁶⁷ que visa a identificar, nas redes sociais, conteúdos referentes ao otimismo que se relacionem com algum tipo de memória religiosa. A partir das reflexões de Michel Foucault (1996) sobre o “princípio do comentário”, busca-se verificar se as mensagens de otimismo selecionadas para o *corpus* de análise repetem, porém com aspecto de novidade, o mesmo material que permeia a memória religiosa (HALBWACHS, 2004b).

Para a seleção do *corpus*, tomamos como referência a página “Otimismo sempre”, uma comunidade virtual sediada na rede Facebook. O critério para a seleção dos materiais foi a consonância com o conceito de otimismo adotado na pesquisa (SCHOPENHAUER, 2009), o que se desdobra nos seguintes aconselhamentos: a) entenda que a felicidade está na priorização em valores morais, b) compreenda que os valores patrimoniais são felicidade passageira, c) saiba que a felicidade não está na aparência. O *corpus* de estudo foi selecionado com auxílio da ferramenta de buscas da rede social *facebook*. Digitando o termo “otimismo”, surge em destaque, como *fã page* mais popular, a opção “Otimismo sempre”⁶⁸. Todas as imagens que

⁶⁷ Pesquisa em andamento no *Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade*, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* de Vitória da Conquista, sob o título temporário Memória, otimismo e discurso religioso nas redes sociais em tempos de ética pós-moderna.

⁶⁸ <https://www.facebook.com/pages/Otimismo-Sempre/231866063491708?fref=ts>

compõem o *corpus* foram coletadas nesse endereço virtual e estão visíveis no alto da imagem, na caixa de endereços da *web*, de modo que a referência à fonte, após a inserção dos materiais, foi, por questões de leveza e de visibilidade, suprimida.

Sobre a memória religiosa e o otimismo

Nesse estudo, nosso foco recai sobre a abordagem à memória em seu aspecto social. A esse respeito, vale citar o sociólogo francês Maurice Halbwachs e seu constructo teórico acerca da memória coletiva. Para Halbwachs, a recordação acerca de algo é mais forte e confiável quando vivenciada em grupos, ou seja, quando é familiar a mais de um sujeito. Quando alocada na mente de um indivíduo apenas, ela figura somente como uma “lembança vaga”, passível de diluição e anulação, decorrentes da perda de interesse desse sujeito por um determinado tema ou pelo seu afastamento do grupo que o partilha. Assim, a memória individual é marcada por sua fragilidade. Entretanto, quando compartilhada por um grupo, as memórias se constituem em um “sistema independente”, pois em perspectiva social, “elas estão ligadas uma a outra e apoiadas de certo modo uma sobre a outra” (2004a, p. 33), compondo “quadros sociais de memória”.

Tais mecanismos estão, em alguma medida, relacionados aos “fatos sociais” de que tratou Durkheim, referência maior de Halbwachs. Os quadros de memória exercem sobre os grupos sociais a coerção necessária à manutenção de um “estado de coisas”, alimentando-se, ao mesmo tempo, dele.

Halbwachs acrescenta que a memória sempre será acionada pelo outro. Ela se torna um meio de conhecer a realidade, mesmo que de forma subjetiva.

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (2004a, p. 26).

O que se poderia chamar de memória individual seriam apenas os “pontos de vista” sobre a memória coletiva. Os estudos de Halbwachs se debruçam sobre três instâncias sociais para ilustrar essa perspectiva teórica: a família, a religião e as classes sociais.

A respeito da memória coletiva religiosa (2004b), ele destaca que é a única que se propõe como permanente e imutável. Tomando traços do Cristianismo como a maior parte do

seu *corpus*, ele mostra que os esforços mobilizados para esse intuito são de demarcações de ritos e celebrações que rememoram os fatos importantes da vida de Jesus, com ênfase sobre seus ensinamentos. A realização desses ritos materiais em datas determinadas faz atualizar a memória que se deseja fazer permanente, que deve ser lembrada pelo grupo.

Halbwachs coopera para com esse estudo ao colocar o funcionamento coletivo de uma memória religiosa, sinalizando o “disparo” da lembrança sempre por parte do outro, ou seja, de uma memória que é social, o que se verifica no caso das redes sociais.

É nesse âmbito que emerge o interesse pelo otimismo e pelo discurso religioso. Embora haja, nos estudos filosóficos das décadas de 80 e 90, um pessimismo decorrente do reconhecimento de que a modernidade não se desenvolveu conforme o iluminismo propôs, existe, nas redes virtuais, a proliferação de narrativas otimistas quanto à ética, aos valores, à melhoria da qualidade de vida de modo geral.

O otimismo, notado nas relações virtuais, pode ser compreendido a partir da contribuição filosófica de Artur Schopenhauer. Em *Aforismos para a sabedoria de vida* (2006), o chamado filósofo do pessimismo admite elaborar um trabalho em contramão à sua filosofia, dedicando-se à eudemonologia. Schopenhauer realiza uma divisão tripartite das “determinações fundamentais” que podem incidir sobre a sorte dos homens: o que o homem “é”, sua personalidade, valores etc.; o que ele “tem”, seu conjunto de bens ou patrimônio; o que ele “representa” face os demais, seu status (2009, p. 5, grifos do autor).

Investir apenas sobre o *ter* e o *aparentar* seria uma tentativa de encobrir de uma imagem de felicidade o que, em verdade, provém de sua “pobreza e do vazio de espírito” (2009, p. 13). Ainda segundo o referido filósofo, priorizar o *ser*, ou seja, o intelecto, a educação e o modo de se colocar para o mundo seria o caminho para superar os males que a ênfase sobre as demais instâncias podem causar, quais sejam: “vazio de sua interioridade, a sensaboria de sua consciência e a pobreza de seu espírito” (SCHOPENHAUER, 2009, p. 13). Sobre o futuro, o filósofo faz referência a Homero, pois também entende que “isso repousa no colo dos deuses” (156), ou seja, é imprescindível concentrar-se sobre o momento presente.

Seguindo a sabedoria que se materializa em aforismos, ditados populares e trechos de poemas épicos clássicos, Schopenhauer colabora com este estudo no sentido de sintetizar que o caminho mais seguro para encontrar a felicidade está em investir sobre a riqueza da personalidade, em lugar de patrimônio material ou imagem social. Esse aconselhamento ao desapego dos bens materiais e ao elevado status social nos parece compor uma repetição da memória religiosa cristã, ao modo colocado por Foucault, pois não se trata de reprodução fiel

do já dito, mas da irrupção de uma “reaparição” (1996, p. 23), chamada pelo filósofo de *princípio do comentário*.

O comentário não tem outro papel, sejam quais forem as técnicas empregadas, senão o de dizer enfim o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro. Deve, conforme um paradoxo que ele desloca sempre, mas ao qual não escapa nunca, dizer pela primeira vez aquilo que, entretanto, já havia sido dito e repetir incansavelmente aquilo que, no entanto, não havia jamais sido dito (FOUCAULT, 1996, p. 25).

Interessa ao propósito desse estudo o procedimento interno a que Foucault chamou “princípio do comentário”. O princípio do comentário reza que, dada a raridade dos discursos, muitos daqueles que circulam, em verdade, são formas repetíveis de discursos já existentes, ou seja, são discursos novos, porém sem novidade. Foucault afirma que os discursos possuem, em si, mecanismos de controle próprio, cujo funcionamento ocorre por meio de procedimentos externos, responsáveis pela limitação dos discursos, e de procedimentos internos, que atuam no plano da rarefação destes.

Nesse sentido, para o referido autor, o “novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, 1996, p. 26). Foucault apresenta o princípio do comentário na forma de um “desnívelamento entre discursos”:

os discursos que "se dizem" no correr dos dias e das trocas, e que passam com o ato mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, *são ditos*, permanecem ditos e estão ainda por dizer (FOUCAULT, 1996, p. 22, grifos do autor).

Trata-se de uma observação acerca da permanência de certos discursos em perspectiva histórica, bem como da impermanência de algumas de suas referências ou formas. Não nos debruçaremos sobre a identificação ou comprovação da existência de um discurso no sentido foucaultiano porque esse objetivo extrapolaria a delimitação de um artigo, mas tomamos o “princípio do comentário” como explicação para o deslizamento de uma ideia a “outra” semelhante. “Muitos textos maiores se confundem e desaparecem, e, por vezes, comentários vêm tomar o primeiro lugar” (Ibid. p. 23). Ocorre então uma forma de repetição em distintas materialidades históricas.

Deve [...] dizer pela primeira vez aquilo que, entretanto, já havia sido dito e repetir incansavelmente aquilo que, no entanto, não havia jamais sido dito. A repetição indefinida dos comentários é trabalhada do interior pelo sonho de uma repetição disfarçada: em seu horizonte não há talvez nada além daquilo

que já havia em seu ponto de partida, a simples recitação (FOUCAULT, 1996, p. 25).

O princípio do comentário coopera com a perspectiva desse estudo no sentido de explicar como a memória religiosa pode se materializar nas narrativas de otimismo por meio de uma remodelagem da forma, mantendo, porém, o conjunto elementar de sua existência.

Vejamos, no item a seguir, se as análises confirmarão a hipótese colocada.

Otimismo sempre: narrativas virtuais e memória coletiva

O espaço virtual “Otimismo sempre” foi criado na rede social *Facebook* em agosto de 2009. As informações sobre sua autoria e alimentação não são divulgadas. Todos os conteúdos são disponibilizados em modo “público”, mas a visualização dos conteúdos no “*feed* de notícias” do usuário da rede depende de um clique sobre a opção “curtir”. Até o momento da finalização desse estudo, a página registrava 22.361 “curtidas”.

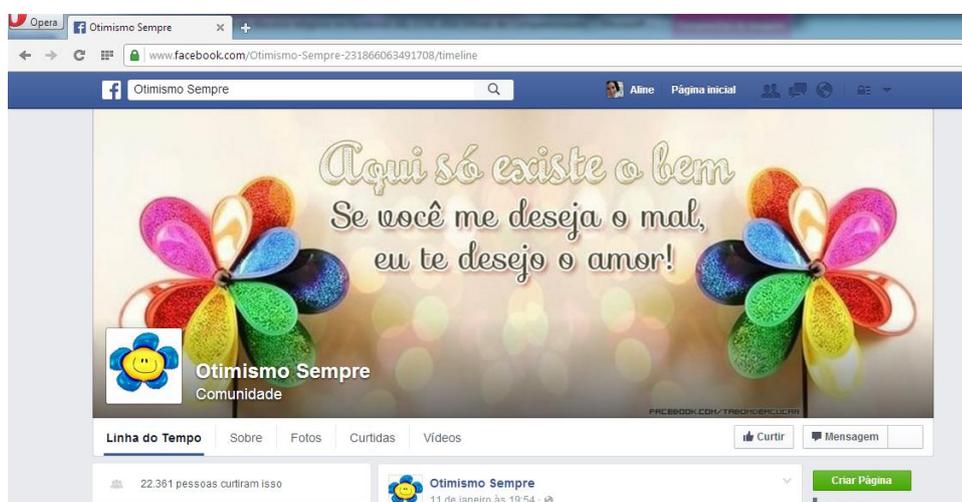


Figura 01: imagem de capa da página “Otimismo sempre”

Para esse estudo, foram selecionadas quatro imagens postadas na página em questão. A partir desse *corpus*, foram observadas pontes possíveis de sentido entre o otimismo e aconselhamentos diversos presentes em livros da Bíblia Sagrada (1985), portanto, com a memória judaico-cristã.

O primeiro elemento a ser destacado nesse *corpus* versa sobre a ideia de riqueza.



Figura 02: A dimensão do *ter*.

A ideia de riqueza exposta na imagem encontra consonância com o exposto sobre o otimismo, pois sugere que se coloque em segundo plano o aspecto material - o “*ter*” de que trata Shopenhauer -, em função de elementos apenas assimiláveis na dimensão do “*ser*”, da subjetividade.

A imagem apresenta um casal: o homem segura as rédeas de um cavalo e a mulher está ao lado do homem; juntos eles observam o crepúsculo. A imagem sugere, portanto, apreciação da natureza como escolha romântica, experiência que nutre a relação afetiva e une o casal em laços de valor simbólico, imateriais. Tal interpretação mostra que estar junto do(a) amado(a) é, de fato, mais importante do que ter dinheiro e, ainda, de que não se pode comprar um crepúsculo.

Existe um elo entre essas ideias e aquela que está presente no evangelho de Mateus, que diz “Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam; porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração” (6.19-21). Também o evangelista Lucas trata dessa questão quando afirma que: “mesmo na abundância, a vida do homem não é assegurada por seus bens” (Lc 12.15) e conclui: “Pelo contrário, buscai o seu Reino, e essas coisas vos serão acrescentadas” (Lc 12.31). Ainda sobre esse tema, o apóstolo Paulo foi assertivo, em sua primeira carta a Timóteo: “o amor ao dinheiro é raiz de todos os males” (I Tm 6.10).

A negação ao patrimônio material e a afirmação de riquezas subjetivas colocadas na mensagem virtual compõem enquanto reforço da mesma memória religiosa, sem, contudo mencionar as escrituras sagradas.

O segundo material que compõe o *corpus* desse estudo faz uso da ideia de *status*.



Figura 03: A dimensão do *aparentar*.

O texto lança mão da ideia de elegância, de adequação ao comportamento social, para sugerir que as categorias da aparência ou da representação do sujeito devem ser sustentadas por valores morais. Em outras palavras, sugere-se que uma pessoa só pode ser considerada “chique” ou “requintada” quando tais características estiverem vinculadas ao âmbito do *ser*, conforme sentenciou Schopenhauer. A imagem de fundo contribui para essa leitura no campo da ética, pois se assemelha a uma cortina transparente à luz, como transparente seria aquele que mantém os valores morais como algo central na sua vida.

Na carta aos Romanos, Paulo de Tarso faz ponte entre o texto apresentado na mensagem e pensamento religioso cristão: “Igualmente o mundo fica escandalizado e o nome de Deus é blasfemado, quando um crente deixa de honrar os seus compromissos” (Rm 2:21-24). E ainda no livro dos Salmos, considerado o coração do Antigo Testamento, lemos: “Como é feliz aquele que não segue o conselho dos ímpios, não imita a conduta dos pecadores, nem se assenta na roda dos zombadores! Ao contrário, sua satisfação está na lei do Senhor, e nessa lei medita dia e noite” (Sl 1:1-3).

Há relação de repetição das ideias, seja na rede social, seja na memória cristã, de que, para ser discreto, feliz e satisfeito, há que se ter palavra, gratidão, honestidade e retidão moral.

Os dois materiais a seguir ilustram o funcionamento do otimismo em relação ao âmbito do *ser*, encerrando a tríade proposta por Schopenhauer.

A primeira postagem apresenta a proposta de que aquele que cultiva valores morais acumula gradativamente possibilidades maiores de responder com atitudes exemplares às condições adversas estabelecidas por outrem.



Figura 04: A dimensão do *ser* I.

A imagem das mãos unidas sugere reconciliação em lugar de rompimentos. Assim, pode-se inferir uma ligação com o discurso religioso como mostra a citação do evangelista Mateus: “Eu, porém, vos digo: não resistais ao homem mau; antes, àquele que te fere na face direita oferece-lhe também a esquerda” (Mt, 5: 39). Tal passagem bíblica coaduna-se com o exposto na mensagem de otimismo selecionada, pois ambas sugerem a possibilidade do perdão em oposição à ira e ao rancor, a possibilidade de outra reação à violência que não a própria violência. A mensagem coloca o orgulho pessoal em condição de menor importância face à decisão de fazer o bem por si e pelos demais.

A passagem bíblica é atualizada, ao mesmo tempo em que é ilustrada, pela imagem das mãos, em atitude de reconciliação, união, paz.

A postagem a seguir encerra os itens destacados na leitura de Schopenhauer acerca do conceito de otimismo adotado nessa pesquisa. A partir do significado da palavra “resiliência”, apresenta a influência de elementos exteriores na conduta dos sujeitos.



Figura 05: Confiança e fé.

O texto da publicação aponta para a qualidade de superação das adversidades, a qual possibilita extrair novos recursos de cada experiência para valorizar os momentos de tranquilidade e fortuna.

Verificamos na imagem uma reparação da passagem bíblica sobre a tempestade: “Aproximando-se dele, despertaram-no dizendo: ‘Mestre, mestre, estamos perecendo!’. Ele, porém, levantando-se, conjurou severamente o vento e o tumulto das ondas; apaziguaram-se e houve bonança. Disse-lhes então: ‘Onde está a vossa fé?’” (Lc, 8 24-25). Estão contidos nessa ideia da fé os demais elementos de que trata o texto, a exemplo da flexibilidade no pensar – a bonança cede passagem à tormenta, que, por sua vez, também cederá a outros estados –, que leva ao otimismo e à possibilidade de estabelecer metas.

Também essa compreensão vai ao encontro do texto do Eclesiastes “observo que não há felicidade para o homem a não ser alegrar-se com suas obras: essa é a sua porção” (3,1-22), ilustrando o olhar presente na memória religiosa judaico-cristã acerca das conquistas e das mudanças a que os sujeitos podem passar.

Considerações finais

Para respaldar a hipótese de que as narrativas de otimismo em estudo materializam quadros referentes à memória religiosa, retomamos os resultados encontrados no estudo:

Verificamos as repetições da memória religiosa nos quatro elementos analisados: a ideia de acumular tesouros nos céus e não na terra; a ideia de alimentar os valores morais em lugar de elegância apenas estética; a ideia de oferecer atitudes pacíficas, que possam servir de bons exemplos aos que ainda agem com violência; a ideia de que a dor e as adversidades têm lições de força a oferecer.

No espaço democrático das redes sociais, a apropriação dessa linguagem – o compartilhamento de *posts* elaborados por comunidades específicas – reforça as ideias que devem ser lembradas pelos coletivos.

Reforça também a síntese de Shopenhauer sobre o otimista: o sujeito que sabe que a posse de bens materiais é instável e que as representações de *status* são demasiado efêmeras para oferecer felicidade aos indivíduos. Em lugar dessas opções, o otimista sabe que convém enriquecer é ao seu repertório moral e intelectual, pois trazem permanência e tranquilidade, liberdade e alegria.

Concluimos, ainda que diante de resultados parciais da pesquisa, que a repetição da memória religiosa se fez comprovada na pequena amostra de *posts* de otimismo coletada junto à comunidade virtual selecionada.

Referências

BIBLIA de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Loyola, São Paulo, Brasil, 1996.

HALBWACCS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004^a

_____. **Los marcos sociales de la memoria**. Traducción: Manuel A. Baeza y Michel Mujica. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial; Concepción: Universidad de la Concepción; Caracas: Universidade Central de Venezuela, 2004b.

LEMONS, Andre. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2004

SCHOPENHAUER, Arthur. **Aforismos para a sabedoria de vida**. 2. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2009